

ARQUITETURA ROMÂNICA: O DESENVOLVIMENTO DO PRIMEIRO GRANDE SISTEMA CONSTRUTIVO MEDIEVAL

AMANDA BASILIO SANTOS*

Resumo: Este artigo discute o contexto em que se deu o desenvolvimento do estilo românico, abordando as circunstâncias que permitiram tal manifestação, focando na conjuntura histórica para compreensão do surgimento do estilo arquitetônico, transpassando por questões econômicas, culturais e técnicas. Deste modo, intencionamos que este artigo seja uma propedêutica para o entendimento da arquitetura românica para além de seus aspectos técnicos, mas localizando-o historicamente. Por fim, intenciona-se destacar a riqueza da arquitetura medieval como fonte de pesquisa, desde que se depreenda os sistemas construtivos e ornamentativos, em união com as especificidades locais a que estão submetidas as construções arquitetônicas, deste modo abarcando a grande heterogeneidade existente na arquitetura medieval e no próprio período.

Palavras-chave: Arquitetura; Medieval; Românico.

Abstract: This article discusses the context in which it took the development of the Romanesque style, addressing the circumstances that allowed such a manifestation, focusing on the historical context towards a better comprehension of emergence of the architectural style, through economic, cultural and technical issues. Thus we intend this article to be a propaedeutic for the understanding of Romanesque architecture beyond its technical aspects, but locating it historically. Finally, we intend to highlight the wealth of medieval architecture

Artigo recebido em 29 de fevereiro de 2016 e aprovado em 7 de abril de 2016.

* Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP – UFPel), com Especialização em Artes (UFPel) em andamento - Linha Patrimônio Cultural. Membro do LAPI - Laboratório de Política e Imagem (UFPel). Bolsista CAPES. Lattes: Email: amandahatsh@gmail.com

as a source of research, through the understanding of the constructive and ornamentatives systems, in union with the local specificities that are submitted architectural constructions, thereby covering the large heterogeneity in architecture medieval and in the period itself.

Keywords: Architecture; Middle Ages; Romanesque.

Introdução

Neste artigo pretendemos explorar as características e o contexto do desenvolvimento da arquitetura românica, sendo este um grande estilo arquitetônico do medievo. Como este estudo é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em História que se debruça sobre a análise de uma igreja românica inglesa,¹ em dados momentos surgirão destaques para elementos do românico inglês, embora nossa intenção seja fornecer um panorama mais geral. Pretendemos, assim, destacar o contexto sócio-histórico em que se desenvolve este estilo arquitetônico, que poderíamos chamar de um primeiro grande estilo que se desenvolve pela Europa durante a Idade Média, em diferentes velocidades e com variadas estilizações, porém que possui elementos unificadores, principalmente em termos estruturais.

Abrindo um parênteses, no Brasil, pesquisas relacionadas à arquitetura românica ainda são muito incipientes, sendo que a maioria dos trabalhos que encontramos são traduções de livros de autores europeus onde a arquitetura românica aparece como um capítulo ou subtítulo – geralmente bastante curto, não ultrapassando vinte páginas - de uma obra com temática muito mais abrangente.² Porém, o pesquisador deve estar consciente de que, ao se debruçar sobre o estudo da arquitetura medieval, é necessário que esteja preparado para trabalhar com uma bibliografia massivamente estrangeira, pois as principais obras recentes não foram traduzidas ainda, e de fato poucas obras foram traduzidas de modo geral, com exceção para alguns clássicos dentro da temática. Como obras introdutórias em língua portuguesa sobre arquitetura românica indicamos a obra de Ramallo (1992) e Conti (1984), que se tornam guias

¹ Pesquisa em desenvolvimento desde 2015, sob a orientação da Prof. Dr. ^a Elisabete da Costa Leal, intitulada: “O material, o visual e o intangível: uma análise da iconografia e da arquitetura da igreja de St Mary e St David de Kilpeck, séc. XII.”

² A arquitetura românica aparece em obras em língua portuguesa em geral com temáticas ligadas à História da Arte ou manuais de arquitetura, onde aparece como um subcapítulo. Podemos citar como exemplos a obra organizada por Dubby e Laclotte (1995), que traz um capítulo vigoroso sobre o estilo românico. Em obras sobre História da Arquitetura temos capítulos dedicados ao românico, como a obra de Jean-Charles Moreux (1983, p. 52-60) e o livro organizado por Emily Cole (2013, p. 184-199). Em obras dedicadas apenas à arquitetura medieval temos em português de Portugal a obra de Ernst Adam dividida em dois volumes, sendo que o primeiro é inteiramente dedicado à arquitetura românica, e o segundo à gótica.

de iniciação no tema, principalmente para pesquisadores que não advém da área da arquitetura.

Talvez a obra mais difundida sobre arquitetura no medievo seja o livro de Georges Duby, *O Tempo das Catedrais* (1993), porém esta obra não se dedica a compreender os aspectos técnicos referentes à arquitetura medieval, pois o foco é tecer relações entre as principais construções do medievo (mosteiro, a catedral e o palácio) com a sociedade que os produziu, sendo este um livro basilar para localizar historicamente e socialmente a arquitetura no período, mas não há um foco sobre o estilo românico, e há sem dúvida uma busca pelas consideradas obras-primas do medievo.

Por fim, destacamos o trabalho desenvolvido por Maria Cristina Pereira, professora de história medieval da USP, que desenvolve um longo trabalho sobre iconografia medieval, em certos momentos tocando questões arquitetônicas, porém não é o foco de sua pesquisa. Como vimos, ainda há uma grande lacuna que temos no Brasil com relação ao estilo artístico e arquitetônico românico, de modo que pretendemos que este artigo sirva como uma introdução ao seu contexto e ao seu entendimento enquanto sistema construtivo.

Adiante faremos um panorama geral do desenvolvimento do estilo românico, apontando esporadicamente para certas especificidades que podemos ver no românico inglês, para destacarmos a heterogeneidade deste sistema construtivo, que embora possua leis gerais de construção e ornamentação, está também submetido a questões regionais, sejam elas históricas ou materiais.

Contexto, métodos de construção e ornamentação

O auge do estilo românico³ ocorreu em um contexto histórico favorável a este empreendimento. Foi em um momento de razoável estabilidade no Ocidente, um período em que as invasões bárbaras, que seriam os ataques vikings, perderam constância, que tinham por consequência a destruição de construções de locais assolados pelas seguidas ofensivas nórdicas, impossibilitando uma renovação construtiva ao passo que se ficava sempre

³ O termo 'românico' foi empregado pela primeira vez pelo arqueólogo francês De Caumont em 1824, não sendo uma designação do período medieval para seu estilo. Esta denominação abarcava todos os movimentos artísticos da Europa, desde o século VII até o século XIII, mas com o desenvolver dos estudos viu-se uma grande fragilidade nesta classificação totalizante das manifestações artísticas.

reconstruindo o básico para a sobrevivência e convivência. A estabilidade favoreceu um crescimento econômico e a criação de novas técnicas construtivas que viriam a auxiliar na resolução de problemas recorrentes.

Sobre as invasões Marc Bloch sentencia que “os ‘pagãos do norte’, cujas incursões, desencadeadas bruscamente cerca do ano 800, durante perto de um século e meio, fariam gemer o Ocidente”⁴ e indo mais além ele escreve:

As pilhagens eram frutuozas. O terror que antecipadamente elas inspiravam não o era menos. Colectividades que viam os poderes públicos incapazes de as defenderem - tais como desde 810 certos grupos frísios - e mosteiros isolados tinham sido os primeiros a pagar um tributo. Depois, os próprios soberanos se habituaram a tal prática: por dinheiro, obtinham dos bandos a promessa de susterm as suas pilhagens, pelo menos provisoriamente, ou de se voltarem para outras vítimas.⁵

As invasões desorganizavam a vida social e causaram muitas evasões, havendo a destruição de pontos estratégicos, como portos, sem os quais a comunidade local não conseguia perseverar, sendo muitas vezes necessário a realocação daquela comunidade para que fosse possível um novo meio de subsistência. Segundo Pierre Pierrard:

Instalados em ilhas fluviais, os normandos sobem os rios, massacrando, queimando, pilhando. Podem ser vistos em Hamburgo, em Aversa, na Gironde, em Chartres, em Blois, em Paris (sitiada quatro vezes em quarenta anos), em Sevilha, na própria Pavia. Diante deles os monges fogem, levando suas relíquias, enquanto os príncipes compram sua fuga pagando tributos ou entregando-lhes províncias inteiras para pilhagem. Seria preciso esperar o século X na França, e o século XI em outros lugares, para ver os terríveis normandos dos mares se fixarem em Estados poderosos e originais.⁶

Os gastos dos tributos para evitar as invasões e das reconstruções dos danos era um dos motivos de falta de investimento em construções mais substanciais e na lentidão do avanço técnico. Um grande problema enfrentado na construção das igrejas anglo-saxãs era os incêndios regulares, que se alastravam destruindo a estrutura devido a utilização da madeira como matéria-prima elementar na estrutura e na forma de um telhado plano e baixo. Quando os normandos se estabeleceram na Inglaterra, ao construírem igrejas românicas utilizaram a pedra em detrimento da madeira e o telhado em arco, também feito em pedra, que além de ser uma característica da construção românica, é uma resposta a uma necessidade técnica.

⁴ BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 34.

⁵ *Ibidem*, p. 36.

⁶ PIERRAND, Pierre. *História da Igreja*. 2ª edição, São Paulo: Paulus, 1982, p. 76.

Apenas com o cessar das invasões após o estabelecimento viking na Normandia em 911 foi possível um avanço técnico significativo.

George Duby e Michel Laclotte ressaltam importantes aspectos do equilíbrio do século XI, com uma maior estabilidade nos laços de vassalagem e senhorio, trazendo maior harmonia interna. O crescimento populacional, ocasionado pelo cessar das constantes invasões já citadas, resultou no retorno ao cultivo de terras antes abandonadas, na multiplicação do plantio de trigo, e no melhoramento das ferramentas de labor. Este aumento camponês trazia conseqüentemente um aumento de riquezas que possibilitava os empreendimentos artísticos e arquitetônicos, pois com os tributos que os senhores “recebiam, pois, a maior parte, com a obrigação de oferecê-la ao Todo-Poderoso na forma de obras de arte, para lograr sua benevolência”.⁷ Esta estabilidade entre as diferentes ordens sociais se expressava pelo fato de em torno de 1030 os prelados na França proclamarem as Três Ordens que dividiam divinamente os homens na Terra. (*Oratores, Bellatores, Laboratores*). Ælfric de Eynsham explica a configuração das ordens medievais deste modo:

É sabido que neste mundo existem três ordens, colocadas em unidade: homens que trabalham, homens que rezam e homens que combatem. Os homens que trabalham são aqueles que labutam por nosso viver. Homens que rezam são aqueles que advogam pela nossa paz com Deus. Homens que combatem são aqueles que batalham para proteger nossas cidades e defendem nossas terras contra um exército invasor. Assim, o fazendeiro trabalha para providenciar nossa alimentação e o belicoso guerreiro deve lutar contra nossos inimigos, e os servos de Deus devem sempre rezar por nós e lutar espiritualmente contra os inimigos invisíveis.⁸

Muito importante para a arte no período medieval foi que desde o século IX, o poder dos *bellatores* sofreu um grande efeito centrífuga, havendo maior divisão do poder e o surgimento de diversos centros de arte, pois era imprescindível para a nobreza possuir elementos que os fizessem reconhecíveis, e o seu poder visível. O papel dos *laboratores* foi de excepcional importância econômica em uma realidade em que a terra era o epicentro que norteava a vida medieval. Segundo Jacques Le Goff:

A origem do impulso deve ser procurada do lado da terra, que na Idade Média era a base de tudo. Não parece que a classe dominante - com exceção de alguns senhores eclesiásticos e de altos funcionários carolíngios - tenha se interessado diretamente pela exploração de seus domínios. Mas os rendimentos e os serviços que exigiam da massa camponesa incitaram esta massa, para os satisfazer, a um certo melhoramento

⁷ DUBY, Georges (Coord.); LACLOTE, Michel. (Coord.). *História Artística da Europa: A Idade Média. Tomo I*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995, p. 45.

⁸ ÆLFRIC apud HILL. *História do Cristianismo*. São Paulo: Edições Rosari, 2008, p. 183.

de seus métodos de cultivo. [...] A lenta difusão do afolhamento trienal permitiu aumentar a superfície cultivada [...], variar os tipos de cultivo e lutar contra as intempéries com o recurso aos cereais de primavera quando as do outono davam pouco (ou o contrário). A adoção da charrua dissimétrica de rodas e aiveca e o emprego crescente do ferro nos instrumentos agrícolas permitiam lavrar mais fundo e com maior frequência. As superfícies cultivadas aumentaram e, por conseguinte, da alimentação, melhoraram.⁹

A consequência imediata ao melhoramento nutricional foi o aumento populacional. Este excedente populacional foi fundamental para o projeto de expansão cristã, pois em busca de áreas cultiváveis para manter uma população que possivelmente dobrou em quantidade - segundo J. C. Russel a população europeia no século X seria de 22,6 milhões e 54,4 no século XIV - houve um grande empreendimento de desbravamento entre os séculos X e XIV.¹⁰ Por volta do século X, uma série de novos estados cristãos iriam se estabelecer ao norte e ao leste, através de um processo de expansão e conversão, vemos isso na Polônia, Hungria, Dinamarca, Noruega e a Suécia. Para além destas expansões, digamos, internas, há diversas iniciativas de longa distância que a igreja lançou mão: a Guerra Santa, ou como denominamos atualmente, as Cruzadas.

Antes de falarmos das Cruzadas temos de destacar o papel da Reconquista, que iria nutrir o sentimento da guerra religiosa, tão caro as investidas na Terra Santa. Este movimento conhecido como Reconquista ou Conquista Cristã aconteceria em solo europeu. Foi um processo que começou no século VIII e visou a retomada da península Ibérica, conquistada pelos árabes em uma série de investidas militares e ocupações populacionais de mulçumanos do norte da África tendo como líder principal o general Tárique. Em 711 atravessou o estreito de Gibraltar e derrotou o rei visigodo da Espanha na Batalha de Guadalete, marcando o fim do Reino Visigótico. Os mulçumanos tinham a intenção de estender seus domínios e conforme iam alargando suas possessões as denominavam al-Andalus, e as mantiveram de forma eficaz e ameaçadora ao ocidente cristão durante quase 800 anos. Segundo Jacques Le Goff:

A Reconquista não foi uma série de sucessos ininterruptos. O movimento reconheceu revezes, como a destruição da basílica de Santiago de Compostela pelo famoso Al-Mansur em 997. [...] A grande data ocorreu em 16 de julho de 1212, quando os reis de Castela, Aragão e de Navarra conseguiram alcançar uma grande vitória sobre o califa de Córdoba em Las Navas de Tolosa. [...] A reconquista

⁹ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2005, p. 58 - 59.

¹⁰ *Ibidem*, p. 62.

espanhola se duplica numa empresa sistemática de povoamento e valorização de um país devastado.¹¹

O longo processo da Reconquista trouxe união ao ocidente cristão tendo os mulçumanos como um inimigo uno, que podiam acabar com a estabilidade econômica e social até então atingida. Através da demonização deste inimigo, uma guerra religiosa e o fervor devoto crescia, dando à Igreja as armas que necessitava para incentivar os fiéis e os grandes nobres em prol de sua obra. Este sentimento unificador trazido pela guerra religiosa é algo desconhecido até então no ocidente medieval.^{12 13}

As Cruzadas, que se deram entre o século XI e XIII, iniciadas sob o clamor do Papa Urbano II em 1095 no Concílio de Clermont, foram de suma importância para o crescimento da cristandade em termos comerciais. Neste empenho bélico ao Oriente também se estabeleceram trocas e novas rotas comerciais. Esta linha de comércio entre a Europa e a Anatólia trouxe novos produtos ao mercado europeu, como o açúcar e o algodão, mas também trouxe trocas culturais valiosas. O crescimento do comércio incentivou e só prosperou pelo crescimento de uma nova e importante classe social: a burguesia. Esta classe que não se encaixa em nenhuma das divisões pré-estabelecidas divinamente foi fundamental ao alargamento da cultura europeia e ao seu sucesso econômico neste período. As cruzadas foram fundamentais no cessar de rivalidades internas, e vemos isto claramente quando São Bernardo em 1146 faz reacender o espírito cruzado em Vézelay, desejando redirecionar os combates entre correligionários em direção aos infiéis, dando-lhes propósito e um inimigo externo a combater, fornecendo-lhes “o designo necessário para forjar a unidade de corpo e alma que lhe faltava.”¹⁴

Embora o projeto de conquista tenha fracassado, as Cruzadas marcaram profundamente a imaginação e os desejos da cristandade ocidental. Jerusalém tornou-se algo de místico, e não falta representações nas iconografias das igrejas para provar este fato. Jerusalém era o local para onde se dirigiam os espíritos inquietos, os espíritos que

¹¹ Ibidem, p. 64.

¹² Quanto ao elemento unificador que advém do processo de Reconquista há polêmica entre os historiadores, mas levamos em consideração a visão de Jacques Le Goff quanto a este fator por ele considerado importante do processo da Reconquista.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p. 66.

necessitavam expurgar seus pecados, os que desejavam riquezas e glórias. A igreja criou o caminho por onde através da Jerusalém terrestre se alcançaria a Jerusalém celeste.

Este momento da história europeia corresponde ao ápice do poder papal. Segundo Earle Cairns o período que compreende os anos de 1054 e 1305 são o período de maior independência e influência dos papas em relação aos imperadores e reis.¹⁵ Várias razões, que são bem anteriores ao período citado, colaboraram ao fortalecimento deste poder. Entre elas há uma documentação legal que legitima a posição papal frente a assuntos terrenos, sendo fundamental as Falsas Decretais ou Decretais de Pseudo-Isidoro do século IX, e incluía a Doação de Constantino. As Decretais:

Estabeleciam a supremacia do papa sobre todos os líderes eclesiásticos da Igreja e concediam a qualquer bispo o direito de apelar diretamente para o papa, ultrapassando o chefe de seu arcebispado. Pretendia também o direito da Igreja ser livre do controle secular. Embora não seja certo que algum papa o tenha forjado, muitos papas usaram a coleção para apoiar suas alegações de poder dentro da Igreja. Os Dictatus de Gregório VIII reforçaram, mais tarde, essas reivindicações.¹⁶

As Reformas monásticas iniciadas pelo mosteiro de Cluny criado no século X pago por William, o Pio, duque da Aquitânia, tiveram longo alcance, e a autogestão de Cluny, sob a proteção papal, e seu empreendimento centralizador estendeu-se a outros mosteiros de ordem beneditina, como o de Monte Cassino. A forma como estes abades se portavam tornava-se exemplo para toda a cristandade e sua fama aumentou a adesão ao cristianismo. Eles possuíam uma vida direcionada à espiritualidade, mas ao mesmo tempo faziam cultos comunitários e trabalhos manuais, mas tentavam acima de tudo criar coerência em um momento em que a vida religiosa andavam sem padrões dentro da igreja.¹⁷ Eles condenavam severamente a simonia e o nepotismo e pregavam o celibato e uma conduta caridosa e simples do clero. Ao mesmo tempo, era mais fácil o controle de diversos mosteiros (em torno de 70) que adotaram a liderança de Cluny, que mantinha estreitos laços com o papa que tinha sua supremacia perante o poder temporal defendido pelos cluniacenses.¹⁸

Cada vez mais a independência do poder temporal era exigida pelos clérigos até o papado de Hildebrando, consagrado como Gregório VII em 1073, que desejava que o poder

¹⁵ CAIRNS, Earle. *O Cristianismo através dos séculos: Uma história da Igreja Cristã*. 2ª edição, São Paulo: Vida Nova, 1995.

¹⁶ Ibidem, p. 162.

¹⁷ HILL, op. cit. p. 184.

¹⁸ CAIRNS, op. cit. passim.

espiritual ditasse sobre o poder dos imperadores e reis. O *Dictatus Papae*, aboliu a investidura laica que como vimos anteriormente colocava o clero sob o poder temporal, e adotou muitas propostas de Cluny, como o celibato clerical e o combate a simonia, segundo Cairns:

Ele fez as reivindicações mais radicais de supremacia de que se tem notícia. Para ele, a Igreja Romana devia seus fundamentos a 'Deus somente', só o seu pontífice 'seria chamado de universal', o papa tinha plena autoridade sobre todos os bispos, somente os seus pés seriam beijados por 'todos os príncipes', ele poderia 'depor imperadores' e poderia livrar pessoas de 'obediência' aos governantes temporais ruins. O máximo de pretensão papal de supremacia se alcança no artigo 22 do *Dictatus* em que se afirma que jamais houve erro na Igreja Romana e que, segundo a Bíblia, ela jamais erraria.¹⁹

Embora Gregório tenha por muito tempo se sobressaído aos maiores líderes temporais do ocidente, este acabou morrendo exilado em Salerno em guerra contra Henrique IV. Suas atitudes sortiram valioso efeito dentro da estabilidade religiosa pois ao impor o celibato clerical e proibir o casamento para o clero ele "evitava que o clero se degenerasse numa casta hereditária e ainda criara uma classe de homens leais ao seu superior espiritual, o papa."²⁰

Outra ordem de importante influência na religiosidade medieval é o Movimento Cartusiano, estabelecido pelo sacerdote erudito Bruno, que em 1084 fundou uma comunidade nos Alpes chamada Chartreuse. Eles foram muito admirados pela vida austera que pregavam e praticavam, muito próxima da vida levada pelos padres que habitavam no deserto. Porém, ainda de maior sucesso, foi a Ordem Cisterciense, entre os séculos XII e XIII. Fundada em 1098 na comuna de *Saint-Nicolas-lès-Cîteaux*, pelo abade Roberto do mosteiro de Cluny em Molesme que decepcionado com o que acontecia na Ordem Cluniacense pretendia resgatar, junto com outros monges, a ideia primordial da vida religiosa. Assim como foi inicialmente em Cluny, em Cîteaux também se pretendia viver de forma estrita aos ensinamentos de São Bento. Os Monges Brancos, como eram conhecidos os cistercienses, viviam uma vida de bastante privação, inclusive o uso de fogo era proibido, não importando o quão frio fosse o inverno. Boa parte do grande sucesso de Cîteaux estava ligado à Bernardo, um jovem de Dijon que se uniu ao mosteiro em 1112. Após três anos no mosteiro de Cîteaux ele fundou o próprio mosteiro em Claraval, onde permaneceu até a sua morte. Após ele morrer acredita-se que haviam em torno de 350 abades cistercienses pela Europa. Ele foi definitivamente uma

¹⁹ Ibidem, p. 172.

²⁰ Ibidem, p. 173.

das figuras mais ilustres de seu tempo, e “se o século XI foi a Era de Gregório VII, o século XII por sua vez, foi, inegavelmente, a era de Bernardo de Claraval.”²¹

A filosofia de Bernardo se resumia em um sentimento dominante: o amor. O amor de Deus pela sua criação e o amor que os homens deviam à Deus. Este novo modelo, de um Deus amoroso, que perdoa as falhas humanas, compreensivo, modificou a forma dos homens se relacionarem com ele. A iconografia foi afetada, os sermões foram inspirados nesta nova forma de conceber a divindade e a cristandade foi profundamente afetada por esta visão cósmica, entendida por Bernardo como "uma alegoria do amor entre Deus e a Humanidade".²² Com esta aproximação, Bernardo foi capaz de realizar muitas conversões e trazia muitas almas à vida monástica. A ordem foi responsável pela colonização ao leste do Elba, levando consigo os ideais cristãos, promovendo o trabalho manual, enaltecendo-o, promovendo o ascetismo, pois viam grande decadência dos valores cristãos e no comprimento de uma vida simples e devota dentro das mais variadas esferas da igreja.

Todos estes acontecimentos anteriormente citados estão profundamente ligados ao prosperar da arquitetura religiosa, e a arte românica floresceu neste momento oportuno e foi “widely spread all over Christian Europe, the Romanesque style was the first independent, self-contained and unified style.”²³ ²⁴ Pierre Pierrard nos traz uma bela imagem do que seria esta arquitetura entre o século XII e XIII:

O tranquilo esplendor atesta ter existido um tempo em que os homens encontraram em sua fé o equilíbrio necessário à produção de obras-primas. Porque nunca mais, na história do mundo cristão ocidental, brotarão ao mesmo tempo tantas e tão perfeitas flores de pedra; nunca mais se encontrará a soma de uma técnica perfeita, uma vida religiosa ativa, uma poesia interior e tanto equilíbrio psicológico. A arquitetura determina todas as outras formas de arte: é com a ajuda do mais nobre material, a pedra, que a arte da Idade Média se exprime. Foi através do muro, construído sobre um solo do qual o homem por fim tornou-se senhor, segundo uma vigorosa lógica, que o homem iniciou seu diálogo com Deus.²⁵

Vimos até então o contexto em que se desenvolveu a arquitetura românica, permitindo que fosse o primeiro grande sistema de estilo, arte e construção no medievo, agora veremos as peculiaridades construtivas e ornamentais que se vê normalmente em igrejas românicas.

²¹ HILL, op. cit. p. 191.

²² Ibidem, p. 191.

²³ Tradução da autora: "Amplamente difundido por toda a Europa cristã, o estilo românico foi o primeiro estilo independente, autônomo e unificado."

²⁴ CHARLES, Victoria; CARL, Klaus. *Romanesque Art*. New York: Parkstone International, 2008, p. 13.

²⁵ PIERRARD, op. cit. p. 97.

A arquitetura românica.

O estilo românico responde a diversas variantes que estão condicionadas a localidade e momento histórico da construção.²⁶ Como diz Le Goff a arte românica é ao mesmo tempo produto e expressão do desenvolvimento da cristandade após o ano mil.²⁷ Porém há algumas características basilares que tornam possível a definição de um estilo como românico. Segundo Flavio Conti há quatro características principais deste estilo: primeiramente a Igreja é o prédio mais eminente onde as técnicas e os preceitos românicos foram aplicados, o que pode ser explicado pela grande importância desta instituição no período medieval, possuindo um sólido poder econômico e social. Uma segunda característica está ligada ao grande avanço construtivo da arquitetura românica que é a cobertura em abóbada, que acima de ser apenas um motivo estilístico é um avanço impressionante no tocante a arquitetura ocidental. Em terceiro lugar são construções extremamente maciças e articuladas, onde há uma disposição entre as sombras e a luz que só adentra o prédio através de pequenas e escassas janelas; por fim há uma clara e seguida hierarquia entre as artes: a pintura, escultura e por último o mosaico. Estas características seriam o que nos possibilitaria reconhecer um determinado prédio como um de estilo românico.²⁸

Há de destacar-se que o próprio Flavio Conti trata das diferentes “escolas”, os regionalismos responsáveis pela heterogeneidade que é presente no estilo românico. Willibald Sauerländer também endossa as diferentes perspectivas e aplicações da arte românica, destacando particularidades em diversos países, e sobre a Inglaterra há a importante conclusão de que há uma grande diferença em relação aos países de regiões mediterrâneas, ou até mesmo a França, que possuem uma estilística e simbologia muito mais ligada a uma herança latina, sendo que na Inglaterra, segundo ele “a liberdade e a originalidade da arte inglesa na época românica [...] viria a caracterizar-se por uma maior independência.”²⁹

Mas principalmente temos que ter em mente ao estudar a arquitetura românica o que Henri Focillon nos traz:

²⁶ RAMALLO, Germán. *Saber ver a Arte Românica*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 45.

²⁷ LE GOFF, op. cit. passim.

²⁸ CONTI, Flávio. *Como reconhecer a arte românica*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 9.

²⁹ SAUERLÄNDER, Willibald. *Escultura Medieval*. Lisboa: Editorial Verbo, 1970, p. 107.

No momento de estudar a arquitectura que toma lugar neste sistema, importa mais do que nunca ter presentes no espírito os dados essenciais da arte de construir. Um edifício é planta, estrutura, combinação de massas, repartição de efeitos. O arquitecto é, ao mesmo tempo e mais ou menos, géométra, mecânico, escultor e pintor - géométra na interpretação da área espacial pela planta, mecânico pela solução dos problemas de equilíbrio, escultor na disposição plástica dos volumes, pintor pelo tratamento da matéria e da luz.³⁰

Portanto o arquiteto tem de elaborar este universo ao qual às leis está sujeito e trabalhar as soluções com os recursos e conhecimentos que possui. Há então as repostas de cunho prático, como os diferentes materiais utilizados por uma questão de disponibilidade delimitada pelo ambiente geográfico onde a construção dar-se-á e há também diferentes materiais utilizados por conta de uma dificuldade econômica. O material por excelência na arte escultural românica é a pedra, excetuando as igrejas construídas na Noruega, cujo material principal ainda se mantém sendo a madeira, fato que fez com que das estimadas 750 igrejas desta época, restem apenas 20, pois o índice de incêndios é altíssimo. Por conta destes incêndios é que se tornou essencial a abóbada em pedra, pois além de trazer harmonia construtiva e articulação dos interiores, ela resolve o problema dos incêndios frequentes.

As grandes modificações de nível técnico permitiram uma maior escala do prédio e a utilização da pedra, que é um material que tolera uma carga muito maior auxiliou neste aumento. Segundo Jonathan Hill:

Os construtores encontraram novas maneiras de criar estruturas cada vez mais ambiciosas e colocá-las a serviço da Igreja. No século XII, as maiores igrejas - como a Igreja da Abadia de Cluny - forma construídas em estilo românico, um desenvolvimento do estilo “basílica” dos edifícios eclesiásticos do século IV. [...] Em uma representação em pedra da unidade do mundo e de todas as coisas, e essas igrejas eram muito maiores e mais audaciosas que aquelas que tinham sido construídas anteriormente. Paredes maciças e pilares elevavam os olhos ao céu.³¹

Um dos maiores problemas enfrentados para a construção de prédios de grande escala, como a Igreja da Abadia de Cluny citada por Jonathan Hill, está em como lidar com as forças que causam pressão sobre a estrutura, e o estilo românico está muito condicionado esteticamente por conta das soluções buscadas para enfrentar os problemas de cunho prático. Os principais elementos arquitetônicos empregados foi a utilização de abóbadas de berço e abóbadas de aresta, arco de volta perfeita, muros e contrafortes. Para solucionar o problema

³⁰ FOCILLON, Henri. *Arte do Ocidente: A Idade Média Românica e Gótica*. 2ª edição, Lisboa: Editorial Estampa, 1980, p. 76.

³¹ HILL, op. cit. p. 203.

das pressões foram buscadas algumas soluções: muitos arquitetos românicos optaram por engrossar as paredes, por isso muitas igrejas românicas possuem paredes tão maciças e largas; em outros casos foi lançado mão do contraforte que ao mesmo tempo que reforça a estrutura no interior dela aparece como um demarcador dos espaços; outro modo de lidar com a distribuição de peso é a utilização de pilares internos em pontos chave de pressão e em alguns lugares também se utilizou de torres ou pórticos, ou até mesmo uma série de capelas radiantes ligadas à fachada para dar-lhe apoio.

As igrejas românicas em geral são construídas em planta de basílica em forma de cruzeiro, possuem três naves, menos comum são as de uma nave ou as de cinco.³² Em geral elas se apresentam com uma nave central, com tramos³³ maiores, e uma ou duas, menores, de cada lado, e estas cobertas com abóbadas, estas abóbadas servem para contrabalancear a pressão que a abóbada central faz em direção ao exterior, fazendo então uma pressão ao interior do prédio. Este sistema, embora seja elegante para lidar com as pressões estruturais, impossibilita que se rasguem janelas nas laterais da igreja, por isso muitas igrejas normandas são caracterizadas pelo pequeno número de janelas e estas de pequena escala. O sistema normando ainda foi mais sofisticado, além de utilizar as ordens de arcos colaterais e a tribuna, eles acrescentam uma terceira ordem, o clerestório³⁴, que ilumina a igreja lateralmente eliminando o problema das pequenas e escassas janelas. Na Catedral de Durham, além de todos estes elementos, os arquitetos normandos utilizaram a nervura, que é uma moldura saliente que suporta a maior parte das pressões da estrutura, alongando-se da abóbada até o chão.

Ainda há as plantas que remontam a um passado tradicional ou são resultados da evolução ao românico pleno. Há, por exemplo, a basílica clássica alemã-imperial, com influências carolíngias e otomanas, possuindo cruzeiros nos pés e na cabeceira da igreja, seguindo um passado tradicional há igrejas como a de Santo Ambrósio de Milão que possui o "átrio aberto frente à igreja, rodeado de arcadas, que agora se costuma estruturar à base de

³² RAMALLO, op. cit., p. 26.

³³ Segundo o Dicionário de Engenharia Civil: "Termo que define o troço situado entre dois apoios contíguos, de uma estrutura." Disponível em <<http://www.engenhariacivil.com/dicionario/tramo>>, acessado em 23 de janeiro de 2016.

³⁴ Segundo o Dicionário de Arquitetura: "A parte superior das paredes principais de uma igreja, acima dos tetos das naves laterais, e contendo janelas; o mesmo termo também é aplicado nas construções domésticas. Na arquitetura românica tem usualmente uma passagem estreita no interior." (PEVSNER, et al. Mísula. In: *Dicionário Enciclopédico da Arquitetura*. Rio de Janeiro: ArteNova, 1977, p. 68)

fortes pilares de secção quebrada ou cruciforme."³⁵ Finalmente há plantas centrais, circulares ou octogonais, que são muito mais incomum do que a planta cruzeiro, estas remontam aos batistérios paleocristãos.

Outro elemento clássico é a fachada com corpos interrompidos, que salienta a altura superior da nave central em relação às naves laterais, e muitas vezes esta nave central traz uma rosácea em seu topo que ilumina toda a nave. Quanto aos arcos o mais comumente utilizado é o arco de volta perfeita, muitas vezes empregado de forma decorativa e ressaltado pelo diferente material usado para causar contraste com o restante da estrutura. O arco total ou formeiro é muito utilizado para a separação de tramos que para Flavio Conti é o organismo da igreja românica, que pode se resumir em muitos casos a uma sucessão ordenada de tramos. Porém a utilização destes tramos causam outros problemas estruturais, e para solucioná-los foi muito empregado a abóbada de cruzaria. Segundo Flávio Conti sobre os tramos com abóbadas de cruzaria:

Dado ser construída por duas abóbadas, tende a “abrir-se”, ou seja, a empurrar os pilares para fora, o que acabaria por os derrubar. A maneira mais simples de obstar este inconveniente é encostar um tramo a outro tramo igual. Deste modo teremos, sobre pilares comuns a dois ramos, dois impulsos iguais e contrários, que alternadamente se anularão. [...] Mas também esta nova abóbada de cruzaria deverá, por seu turno, apoiar-se em qualquer coisa. A igreja, em suma, poderá ser construída em por uma série de tramos (bem quadrados e dispostos de maneira a formarem uma cruz na planta), sob a condição, no entanto, de resolver três pontos fracos a que os tramos vão dar: a fachada, o topo, e os lados do edifício.³⁶

As soluções para o fundo são simples e apenas se adicionam absidíolas³⁷, a fachada como já foi visto é um tanto mais complexa e as soluções são múltiplas, quanto ao flanco onde as soluções muitas vezes se assemelham às utilizadas na fachada, como engrossar as paredes e/ou a adoção de contrafortes, em coerência com os pontos de vértices de cruzaria. Todos estes elementos utilizados para lidar com as pressões na estrutura criam uma certa rítmica arquitetônica, pois através da utilização dos pequenos e grandes pilares internos se gera o ritmo que os manuais arquitetônicos definem como “A a A a”, que dá harmonia e racionalidade à construção. No sistema normando há um pouco mais de requinte, pois no

³⁵ RAMALLO, op. cit., p. 27.

³⁶ CONTI, op. cit., p. 17-18.

³⁷ Segundo o Dictionary Architecture Vortaro Arkitekturo: Pequena capela, nicho, ou abside secundária. As absidíolas rodeiam a abside propriamente dita de uma igreja. Em geral, internamente, é utilizada como capela. Disponível em: <http://www.arkitekturbo.arq.br/dicionario_por/busca_por.php?letra=absid%EDola>, acessado em 23 de janeiro de 2016.

lugar da tribuna são acrescentados aos pilares dos principais tramos robustos contrafortes, dando condições ao uso de clerestórios.

Outra inovação é que ao invés de uma abóbada de cruzaria dividida em quatro secções, agora ela pode ser dividida em seis, através de uma nervura transversal as duas diagonais. Esta nervura que também se prolonga até o chão acaba convergindo sobre o pilar intermediário, o menor, transformando-o em um pilar composto, modificando o ritmo com que a nave se apresenta, sendo agora o que os manuais definem como “A A A”, que é o princípio do que mais tarde irá ser o estilo gótico.³⁸

Durante o princípio do período românico, o interior das igrejas era menos ornado do que o seu exterior. Por este motivo era tão importante que a arquitetura em si pudesse gerar uma rítmica construtiva capaz de criar uma certa beleza estética que fazia falta pela pouca ornamentação. Um exemplo, segundo Victoria Charles e Klaus Carl é a igreja de St. Cyriacus em Gernrode, que tratava-se do mais imponente prédio saxão da época de sua construção (959 - 1000), cujo interior não passa de uma sequência de pilastras que suportam arcos arredondados.³⁹ Mas esta sequência dentro de uma rítmica visual, não necessariamente correspondendo a necessidades estruturais, é capaz de suprir a necessidade por ornamentação que veio a ser incluída e definida com o tempo.

Ao lado (*Imagem 1*), temos a planta da Catedral de Santiago de Compostela que traz os elementos arquitetônicos citados, sendo uma planta clássica do período românico, por exemplo, se compararmos esta planta

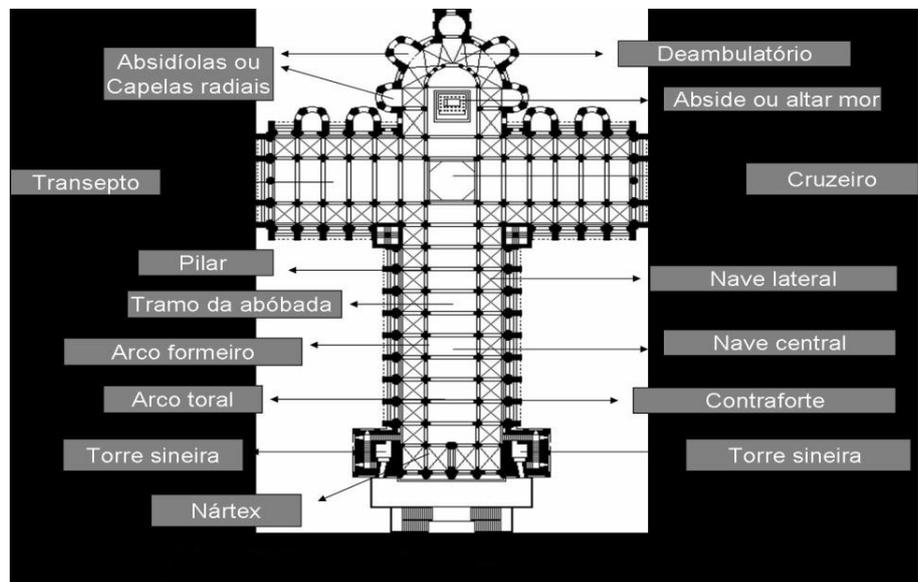


Imagem 1: Planta da Catedral de Santiago de Compostela no século XII

Fonte: <<http://arteehistoriaepci.blogspot.com.br/2011/06/arquitectura-romanica-m3.html>>, Acessado em: 20 de fevereiro de 2016.

³⁸ Ibidem, passim.

³⁹ CHARLES; CARL, op. cit., p. 11.

a planta da Catedral de São Sernin de Toulouse, iniciada em 1086, veremos praticamente a mesma distribuição e utilização de elementos.

Estes princípios construtivos e soluções estruturais são o que há de mais homogêneo dentro da arquitetura românica, e são soluções de cunho prático, controlando boa parte do que poderá ser feito em termos decorativos, como diz Victoria Charles e Klaus Carl: “Architecture dominated Romanesque Art, and all other artistic movements such as painting and sculpture, which often demonstrated dramatic motifs, but were subordinated.”,^{40 41} ou como Henri Focillon define como uma “plástica decorativa submetida à lei da própria arquitetura.”.⁴² Esta decoração submetida à arquitetura encontra-se mais em seu local de disposição do que o que é representado. Por exemplo o grande número de colunas necessário para suportar as abóbadas e as pressões da estrutura favoreceu o surgimento de belas obras decorativas esculpida nos capitéis⁴³, mas o que é representado nestes não é unânime no período medieval. Outro exemplo são as nervuras, que visando deixá-las mais belas esteticamente e integrá-las harmonicamente ao resto da igreja foram feitas decorações diversas, e na Inglaterra o que predominou foi a decoração em ziguezague, tipicamente normanda e viking. Ou seja, a arquitetura delimitou o espaço, o local onde haveria a decoração, pois por uma questão estrutural criou elementos que necessitavam de decoração, mas não definiu a temática, como diz Henri Focillon, “essa técnica tem um duplo carácter: é arquitetônica, no sentido em que submete as figuras às molduras onde elas devem ocupar lugar, é ornamental, no sentido de que as desenha e as combina segundo esquemas de ornamento.”⁴⁴

Embora as estruturas românicas tenham estes elementos em comum é nos motivos artísticos, na decoração, na escultura e na pintura que os regionalismos e as particularidades culturais melhores se apresentam. Na Inglaterra o estilo normando não está homogeneizado, havendo particularidades, símbolos e cenas representadas em uma região e não em outra. Porém, os elementos básicos da igreja também foram imbuídos de significado simbólico, por exemplo a Trindade é um dos principais dogmas norteadores da cristandade e por isso muitas

⁴⁰ Tradução da Autora: “A Arquitetura dominou a Arte Românica, e todos os outros movimentos artísticos como a pintura e a escultura, que muitas vezes demonstraram temáticas dramáticas, mas estavam subordinadas.”

⁴¹ *Ibidem*, p. 13.

⁴² FOCILLON, *op. cit.*, p. 73.

⁴³ Segundo o Dicionário de Arquitetura: “Parte superior de uma coluna, acima do fuste, sobre a qual se apóia a arquitrave.” (PEVSNER et al, *op. cit.*, p. 58)

⁴⁴ *Ibidem*, p. 118.

igrejas que foram construídas em plantas de três celas assim o são por ser atribuído a esta distribuição uma representatividade da trindade, e um modo de explicar como tal Trindade se constitui, transformando a arquitetura em ferramenta pedagógica. Outra forma de interpretar muito utilizada era que esta igreja tripartida era uma representação das Três Ordens em que Deus definiu o mundo terreno. Segundo Richard Taylor, “Churches too contain these degrees of sanctity, of spaces separated within spaces.”^{45 46}

Ao dividir a igreja em compartimentos, cada qual com a sua função, tentava-se muitas vezes fazer com que estas repartições integrassem o mundo ideal que pretendem representar. Por estes motivos nos domos e nos tetos destes ambientes - principalmente da abside - muitas vezes é pintado ou esculpido estrelas, nuvens, pássaros, ou até mesmo Cristo em toda a sua majestade sentado no céu, desta forma se tentava criar a sensação de que a igreja não está à parte ou isolada do mundo, mas sim integrada nele, sendo uma continuação perfeita da criação divina. O próprio encontro das formas, através de um domo que é arredondado com a forma quadrada da superfície das paredes que forma as divisões da igreja é um simbolismo teológico que representa o encontro do céu com a terra na forma do nascimento de Cristo.

O local mais sagrado dentro da igreja é aquele onde reside o altar cerimonial, ou seja, a abside, e a simbologia deste local é a mais importante, a mais pensada e de maior sacralidade, é também um local reservado apenas ao clero, e em casos de igrejas grandes ou catedrais, que possuem um conjunto de clérigos, apenas uma parte de destaque do clero era permitido a chegar ao altar. A nave é o local onde fica a congregação de fiéis, os laicos, e em geral, a iconografia, a escultura, tende a representar ensinamentos, contar histórias que possam criar ligações sensíveis com estes fiéis ao mesmo tempo em que ensinam a liturgia e os dogmas a pessoas que não tem o saber da leitura. A etimologia da palavra "nave" é bastante significativa pois deriva do latim *navis*, que significa navio, e simbolicamente a igreja é associada ao navio no qual a congregação e o padre navegam em direção à Deus.

Outro elemento de destaque é a porta principal da igreja, ou seja, a entrada na casa de Deus. Ela é normalmente associada de forma direta à Jesus Cristo e boa parte das cenas

⁴⁵ Tradução da autora: "Igrejas também contém graus de santidade, de espaço separados dentro de espaços."

⁴⁶ TAYLOR, Richard. *How to read a church: A guide to symbols and images in churches and cathedrals*. 2ª edição, New Jersey: HiddenSpring, 2005, p. 21.

representadas nela ou em torno dela remetem a ele, seja ele em majestade, a Virgem e Jesus em criança, um Agnus Dei,⁴⁷ ou a cena da crucificação.

As colunas que se distribuem por toda a igreja têm um importante apelo à conversão de pagãos, pois alegoricamente elas representam as árvores e muitas são ornadas com motivos florais, com folhagens dinâmicas, e inclusive as primeiras colunas eram feitas de madeira, possuindo um apelo ainda maior. Richard Taylor ainda destaca que as colunas se assemelham às figuras humanas como os antigos menires, tão adorados pelas culturas pagãs. Algumas destas colunas que possuem esta forma humana ao ladear toda a congregação possuem em seu topo contrafortes que se assemelham a braços em ato de contemplação a Deus. Os arcos, elementos essenciais da arquitetura românica, são associados à ideia de mãos que se engancham em momento de oração, ou braços que se erguem em adoração a Deus. Estão também intimamente ligados à cerimônia de casamento, pois o casamento se dá em baixo do arco que divide a nave do altar, então ele se torna um símbolo de união.

Outro momento de ritual fundamental dentro do cerimonial religioso cristão é o ato de batismo, e a pia batismal também possui seu simbolismo particular. Em via de regra a pia encontra-se localizada no fundo da igreja, como contraponto ao altar, pois representa dentro da dinâmica da construção o início da jornada em direção à Deus, e como vimos o casamento é celebrado bem na divisa com o altar, praticamente no fim da jornada.⁴⁸ Isto demonstra a relação entre a estética arquitetônica e o mundo simbólico que deve ser pensado e representado em união com as necessidades estruturais, o que destaca a importância de uma lógica que é visível na estrutura física construída.

Conclusão

A igreja românica é uma resposta e um reflexo ao contexto, um refinamento do pensamento arquitetônico, uma solução aos problemas físicos de construção, mas acima de tudo é um universo simbólico, sendo uma ferramenta de conversão e de manutenção e doutrinação dos fiéis e é, para o período medieval, o local onde a vida social se concretiza, sendo finalmente um elemento gerador de sentimentos e reações. Embora tenha sido citado

⁴⁷ Agnus Dei é a expressão latina para Cordeiro de Deus, representação de Cristo muito popular durante o medievo que irá aparecer em todas as formas de arte.

⁴⁸ Ibidem, p. 36.

acima todo este arcabouço simbólico, que podemos de forma mais ou menos segura definir como usual, é exatamente nos elementos representados e nos locais em que estes estão no prédio religioso, que as igrejas podem definitivamente nos surpreender, pois é neste momento privilegiado da criação humana que regionalismos afloram e que crenças dadas muitas vezes como desaparecidas ou mortas se conservam. Por conta dos regionalismos que vemos na arquitetura românica não é possível estabelecer normas generalizantes de ornamentação, o que demonstra a grande diversidade e riqueza deste estilo, assim como o dinamismo das sociedades e seu poder de adaptação segundo um sistema de pensamento específico, o que torna a arquitetura uma rica fonte para compreensão da cultura medieval.

Referências Bibliográficas

ADAM, E. *Architectura Medieval I*. Lisboa: Editorial Verbo, 1970.

BLOCH, M. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

CAIRNS, E. *O Cristianismo através dos séculos: Uma história da Igreja Cristã*. 2ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CHARLES, V.; CARL, K. *Romanesque Art*. Nova York: Parkstone International, 2008.

COLE, E. (Ed.). *História Ilustrada da Arquitetura: um estudo das edificações, desde o Egito Antigo até o século XIX, passando por estilos, características e traços artísticos de cada período*. São Paulo: PubliFolha, 2013.

CONTI, F. *Como reconhecer a arte românica*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DUBY, G. *O Tempo das Catedrais: a arte e a sociedade 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

DUBY, G.; LACLOTE, M. (Eds.). *História Artística da Europa: a Idade Média*. São Paulo: Editora Paz e Terra, v. Tomo I, 1995.

FOCILLON, H. *Arte do Ocidente: A Idade Média Românica e Gótica*. 2ª. ed. Lisboa: Estampa, 1980.

- GOFF, J. L. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- HILL, J. *História do Cristianismo*. São Paulo: Rosari, 2008.
- MOREUX, J.-C. *História da Arquitetura*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- PIERRARD, P. *História da Igreja*. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 1982.
- RAMALLO, G. *Saber ver a Arte Românica*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SAUERLÄNDER, W. *Escultura Medieval*. Lisboa: Verbo, 1970.
- SCHAPIRO, M. *Romanesque Art*. Nova York: George Braziller, 1993.
- TAYLOR, R. *How to read a church: A guide to symbols and images in churches and cathedrals*. 2ª. ed. New Jersey: HiddenSpring, 2005.
- WISCHERMANN, H. Romanesque Architecture in Great Britain. In: TOMAN, R.;
BEDNORZ, A. *Romanesque: Architecture, Sculpture, Painting*. Cambridge: H. F. Hullman,
2010. p. 216-251.